

JUVENTUDES E TRAJETÓRIAS NO ENSINO MÉDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Larissa Januário de Castro¹

RESUMO

Nos últimos anos têm-se discutido sobre o ingresso de trabalhadores na Universidade, devido as políticas públicas de acesso ao Ensino Superior. Porém, o presente artigo pretende analisar a realidade do trabalhador no ensino médio, sob a ótica do jovem trabalhador-estudante. Por meio da disciplina de Estágio, que abordava o tema Juventudes, analisou-se a vivência desses jovens dentro das estruturas escolares, a partir de metodologias como aula expositiva, cine debate e roda de conversa. A pesquisa, de caráter ainda exploratório, revelou a diversidade de estratégias adotadas pelos jovens estudantes para conciliar a dupla jornada ao passo em que precisavam lidar com outras questões de suas vidas pessoais e da escola e como essa dinâmica afeta suas perspectivas de futuro, sobre si mesmos e sobre o projeto escolar. Utilizando-me de pesquisadores (as) importantes para o meio educacional, como Paulo Freire, Juarez Dayrell e Josefa Silva, objetivo abordar o tema Juventudes e suas relações sociais, levando em conta que também faço parte desta juventude e nossos contextos fora dos muros da escola.

Palavras-chave: Juventudes, Trajetórias, Trabalhadores, Ensino Médio

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo explicar as experiências vivenciadas nas atividades propostas pela disciplina de Estágio Supervisionado na Escola Santo Amaro com o professor de Sociologia, responsável por acompanhar a atividade e as turmas. A expectativa inicial era acompanhar, em torno de um bimestre das aulas de sociologia da turma do 3°C, no turno matutino, ministrar uma aula que seguisse o cronograma bimestral do professor e realizar no contra turno uma atividade de minicurso, que abarcasse o maior número de estudantes interessados no tema sugerido na atividade extra, que seria de livre escolha da estagiária responsável.

Trabalhando sempre sob uma perspectiva da observação dos fazeres pedagógicos e, especialmente, neste semestre observando a prática e técnica do professor responsável, baseada em todas as leituras que tivemos sobre regência durante todo o curso de licenciatura, finalizar essa disciplina é a culminância de tudo isso. Principalmente podendo fechar esse ciclo com um professor preocupado e socialmente engajado em um ambiente escolar democrático e que procura efetivar em seu cotidiano escolar a inclusão, favorecendo ao

¹ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará – UECE, larissa.januario@aluno.uece.br

máximo o bem-estar social de todo seu corpo docente e discente, o Prof. Ms. Jonas Santos, professor de sociologia da escola, que me acompanhou e me recebeu com tanta generosidade e empatia no ambiente escolar.

Quando se iniciam as atividades a turma estava para entrar em um novo capítulo do livro didático, o que foi perfeito para que pudesse acompanhar o debate desde o início junto com os estudantes e o professor. O capítulo tratava de Sexualidade e Diversidade de Gênero, tema que não tenho muita apropriação pela literatura acadêmica, então foi muito importante a oportunidade de ter acesso ao debate desde o início, para saber como os estudantes recebiam esse tema e como eu poderia trabalhá-lo de forma mais eficaz.

A escola Santo Amaro está fora do eixo das grandes escolas de referência de Fortaleza, por isso não é muito conhecida na Universidade. Porém, estando presente no cotidiano dessa escola há três semestres, realizando disciplinas de Práticas da Formação, Didática e finalizando as disciplinas de Estágio, pude observar o quanto ela é diferente, pelas pessoas que a formam. A escola, formada pela gestão, o corpo de professores e de estudantes e também por todos os funcionários, que como todas as outras, não é perfeita, tenta agir o mais democraticamente possível, preservando o bem-estar social e o bom-convívio de todos seus estudantes, respeitando as diversidades presentes nas variadas trajetórias das juventudes.

METODOLOGIA

Iniciando a convivência com a turma, a partir de observações da regência e dos estudantes, foram pensadas as metodologias que poderiam ser utilizadas para o melhor caminhar da disciplina. Para a aula, escolhi usar o livro didático, até pelo embasamento e segurança que este nos passa, com o capítulo intitulado “Cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é”, do livro “ Sociologia para jovens do século XXI”, que apresenta um texto bem elaborado sobre o desenvolvimento da luta por direitos do movimento LGBTQIAP+, trazendo discussões sobre gênero e sexualidade de forma bem didática e sempre com imagens de personagens importantes da trajetória da comunidade no Brasil.

O uso do livro didático, apesar de sempre buscar incluir outros meios para fixação de conteúdo, é importante para a garantia e reconhecimento da disciplina enquanto obrigatória. Dito isso, julgo imprescindível a utilização e distribuição de livros de qualidade para os estudantes, haja vista, a realidade das periferias fortalezenses em se tratando da falta de acesso

à internet de qualidade, ou seja, muitas vezes o livro didático é a única fonte de pesquisa desses jovens.

O momento seguinte da disciplina, que vem a ser o foco inicial desta atividade, abordou a experiência dos trabalhadores no Ensino Médio. No primeiro momento, a aula sobre gênero e sexualidade, havia a necessidade de seguir o cronograma do professor, até para não atrapalhar a sequência de conteúdos. Mas o segundo momento dava ao estagiário um pouco mais de liberdade na escolha de temática abordada, por isso trabalhei nessa oportunidade, o tema da minha pesquisa de monografia, estudantes trabalhadores porém com recorte no ensino médio, por meio de um minicurso, que era a metodologia exigida na ementa da disciplina de Estágio 4.

A principal dificuldade que se estabeleceu neste momento da disciplina foi a questão do tempo. O minicurso precisava ter duração de 4 horas, no mínimo, essa questão na prática se tornava um obstáculo quando se pensava nesse minicurso dentro das aulas de sociologia, haja vista o tempo disponível de 50 minutos semanais. Nesse momento, estar em uma escola preocupada com o projeto de vida dos estudantes e com professores engajados e empáticos com a formação de novos docentes foi essencial, o professor de história, diretor de turma do terceiro ano C e que leciona a disciplina de Projeto de Vida, Professor Mestre Diego Soca, ofereceu-me os dois encontros seguintes da disciplina de Projeto de Vida, somando as 4 horas necessárias para a conclusão do minicurso.

Cada encontro se dividiu em dois momentos, no primeiro apresentei alguns trechos do documentário “Nunca me sonharam” e em seguida, junto com o professor e a turma, nos debruçamos sobre o debate com algumas questões mais específicas sobre os trechos do documentário, que relacionam estudantes e trabalho, oportunidade e as chances reais de aproveitamento do ensino médio, arte e educação etc.

No segundo encontro, dividimos a discussão em duas etapas. Primeiro, eu fiz uma exposição sobre a minha pesquisa no Ensino Superior e como os pontos de tensão vividos pelos universitários e pelos estudantes de ensino médio são parecidos, envolvendo a burocracia da escola e a acadêmica e como se manifestam as relações de poder nesses ambientes educacionais, que apresentam conflitos de geração e de classe.

Por fim, realizamos uma atividade com produto final. As dinâmicas “Racionais na rede”, muito utilizada por profissionais da educação na área de Língua Portuguesa, por abordar produção textual enquanto trabalha com poesia e música, relacionando os conteúdos educacionais com o contexto social, muitas vezes vivido por estudantes de periferia, que a voz forte do rap brasileiro apresenta.

A atividade se concentrava em ouvir duas músicas do grupo Racionais Mc's, sendo elas "A vida é Desafio" e "Eu sou 157", e a partir desse momento realizar uma rápida interpretação utilizando o repertório sociológico debatido nos últimos encontros e escrever num pequeno pedaço de papel, o sentimento que vinha à tona ao ouvir aquelas músicas. Poderia ser uma breve frase, um texto ou até uma palavra que representasse seu sentimento diante de músicas tão representativas no cotidiano de todos nós, estudantes periféricos, sejam universitários ou de ensino médio, trabalhadores ou ainda, filhos da classe trabalhadora.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando falamos em juventude, quase sempre vem à mente a ideia de imaturidade, é como se as juventudes seguissem um perfil muito diferente do que temos acesso nas escolas públicas. Mesmo essa fase da vida sendo marcada por experimentações, dando direito a certo tipo de imaturidade social, o que percebemos nas escolas de periferias é um jovem que não tem tempo para ser jovem e usufruir da juventude, que não seja na escola. Tendo abordado duas questões imensamente importantes para a sociedade e, sobretudo, para as juventudes, que estão no processo de descobrimento de si e de suas singularidades, Gênero e Sexualidade e Trabalho, busquei entender como eu, enquanto professora, poderia estar e participar das trajetórias desses jovens, ao passo que contribuía com as minhas próprias descobertas, visto que ainda faço parte da juventude brasileira, que experimentei e experimento diversas dessas situações na minha trajetória.

Tudo isso afeta diretamente nas possibilidades de escolhas de projeto de vida desses jovens, o livro didático citado, traz aos leitores uma perspectiva positiva sobre os avanços legislativos e políticos, no geral, no acesso a garantia de direitos da comunidade LGBTQIAP+, apresenta dados e pesquisas de referência sobre a temática, então defender a distribuição do livro de qualidade é crucial, quando se percebe a sala de aula, enquanto espaço de autonomia e construção de identidades, no que diz respeito a emancipação humana e desenvolvimento de pensamento crítico. Seguindo o movimento da atividade do minicurso, uma das questões impulsionadoras da atividade de roda de conversa, era se os estudantes costumavam sonhar. Algumas respostas trazem a falta de esperança escancarada nos rostos das juventudes periféricas. Não sonham com a Universidade, não sonham com ascensão social, nem com projetos de vida planejados e levados a sério. Adotei nesta atividade a importância da escrita, como demonstração de poder e de existir, quando escrevemos nos colocamos na história e como protagonistas das nossas trajetórias. "As escolas que

frequentamos não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretos em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia”(Anzaldúa, 1980). A autora *Glória Anzaldúa*, versa sobre a importância da escrita de mulheres negras de terceiro mundo no texto citado, com isso, trago para a realidade estudantil a importância do incentivo à escrita desses e dessas jovens das escolas públicas as quais tenho acesso. Até mesmo quando se pensa o projeto de vida desses jovens, porque não acreditam que sabem escrever uma carta, um diário ou uma redação? Entender a escrita enquanto ferramenta de resistência daqueles que não são ouvidos, a meu ver, é uma urgência na educação..

Quando penso em projeto de vida, principalmente das juventudes trabalhadoras, percebo a questão através da minha própria óptica, sendo uma jovem trabalhadora e que não pensava em projeto de vida, nem mesmo entendia como pensar essa questão. Mesmo tendo saído do ensino médio a alguns anos, reconheço as mesmas dúvidas nos rostos dos jovens, não entendem quem são, como devem se comportar diante da iminente vida adulta ao sair do ensino médio, não sabem, verdadeiramente, quais são suas opções viáveis e práticas. Logo, o desprezo pela disciplina de Projeto de Vida, é quase palpável. “A constituição da condição juvenil vem ocorrendo de forma cada vez mais complexa, com o jovem vivendo experiências variadas e, às vezes, contraditórias, expostos que estão a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes”(Dayrell, 2007). Quando o autor traz informações como essa, sobre a constituição do perfil do jovem da escola pública, percebo o quanto isso se materializa na prática da Escola Santo Amaro. Logo, mesmo em uma escola democrática e socialmente engajada com o desenvolvimento do pensamento crítico do estudante cidadão, o cotidiano escolar pode engolir este jovem, as demandas e obrigações escolares podem não levar em conta o contexto de vida real dessas juventudes.

Porém, mesmo estando ciente de todas essas questões e dando a elas a máxima importância na execução da minha recente prática pedagógica, ainda em construção, não pude evitar o medo e a profunda insegurança de estar diante de uma turma, trabalhando assuntos que geram situações que pegam até professores experientes desprevenidos. O estágio começa com uma observação e em seguida uma aula expositiva, então essa aula expositiva é o primeiro dia de aula enquanto professor do estagiário, logo esse momento está carregado de medo e inseguranças e que nos levam a sentimentos bastante extremos na sala de aula, porém, “assumir o medo é não fugir dele, é analisar a sua razão de ser, é medir a relação entre o que causa e a nossa capacidade de resposta”(Freire,1997). A turma de estagiárias teve acesso a esse texto de Paulo Freire, no momento em que estávamos em vias de ministrar as aulas a

serem avaliadas posteriormente, então entender a partir da leitura das palavras de tal autor, foi um descanso para as nossas mentes agitadas, assustadas pela insegurança e ansiedade.

Estando agora no Programa de Residência Pedagógica e agora enfrentando outras situações que geram novos tipos de inseguranças, retorno a esse texto em busca de conforto, entendendo que o cotidiano pedagógico é um constante primeiro dia de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O método de interpretação a respeito do contexto das juventudes estudantes pode ser observado a partir de diversas ópticas, desde a do próprio estudante até a dos organizadores das políticas públicas que abarcam esses jovens e que deviam fornecer métodos eficazes que promovessem a fruição plena da vida escolar. E temos percebido essas questões na literatura dos últimos anos sobre o tema, que percebe o jovem como protagonista no equipamento escolar visto que a escola precisa dos estudantes para fazer sentido e exercer o seu papel social.

Na escola Santo Amaro, percebi que existe essa expectativa do exercício da formação do estudante cidadão a partir de uma prática pedagógica engajada que leva em consideração os contextos reais nos quais esses jovens estão inseridos. Tendo acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola, entendi que essa preocupação perpassa a escrita do Projeto estando totalmente presente no cotidiano da escola, atravessando a vivência dos estudantes na escola.

Uma citação do PPP demonstra essa expectativa, “queremos construir uma sociedade onde cada pessoa sinta-se sujeito da história, onde o jovem se reconheça e descubra o seu lugar, seu jeito de viver, as crianças sejam felizes em suas peculiaridades, os velhos com seu acúmulo, sua memória, as mulheres, os índios e os negros sejam respeitados e tenham seus direitos preservados.” Na verdade, é muito fácil colocar isso num documento e não pôr em prática, mas mesmo com todas as fragilidades sociais que a escola enfrenta, a prática da inclusão é observada no ambiente escolar da Santo Amaro, com generosidade, porém, também a partir de uma forma crítica e transformadora.

A escola tem noção de que possui um público de alunado que inclui muitos trabalhadores, por isso o debate sobre estudantes trabalhadores foi muito bem recebido e interpretado com muita seriedade pela escola. Boa parte dos estudantes da turma na qual exerci a atividade de estágio são trabalhadores, talvez por ser turma de terceiro ano, apesar de ser uma turma de turno matutino, existe essa relação com o trabalho seja no formato do empreendedorismo juvenil, no negócio dos pais ou nos programas de jovem aprendiz.

Acredito que essa relação com outros trabalhadores foi o que me chamou atenção na hora de escolher essa turma para realizar as atividades deste estágio, a intenção era tentar compreender mais de perto essa vivência do trabalho desde o ensino médio, visto que a minha perspectiva de pesquisa, em relação ao trabalho, era somente no ensino superior.

Compreender a sua própria vivência enquanto trabalhador desde o ensino médio é essencial na construção de um pensamento crítico e cidadão, quando se leva em conta o trabalho e estudantes periféricos. Porém, para que eles e elas se abram nesses momentos de convivência é preciso mostrar que nós não estamos só falando sobre um assunto alheio a nossa trajetória pessoal, como se fossemos somente pesquisadores de gabinete, que leram algum escritor falando sobre jovens trabalhadores. Por isso achei muito importante compartilhar com a turma, os pontos de tensão vivenciados na minha trajetória acadêmica. Acredito que esse momento foi um dos mais tocantes da experiência de estágio, porque a troca de experiências me fez perceber os pontos de tensão vividos pelos estudantes trabalhadores no Ensino Médio, de maneira tão precoce, já são muito parecidos com o que eu experimentei na minha vida acadêmica, enquanto trabalhadora.

A burocracia que nos engole e embarga nossas formações, os conflitos de geração e de classe que afetam as relações entre gestores, professores e estudantes são exemplos desses pontos de tensão compartilhados, tanto por estudantes universitários quanto por estudantes do ensino médio, nas duas esferas educacionais. Então, pretendendo cumprir o papel da ponte entre a Universidade e a Escola, esse formato de compartilhamento de realidades, sempre considerando a autonomia e prezando pelo desenvolvimento dos estudantes dentro e fora de sala de aula, dividi com os estudantes os meus momentos de indignação, mas além desse momento de indignação que eu escolhi nomear de “pontos de tensão”, compartilhei com os estudantes o que eu fiz com esse sentimento. Porque entendi que o sentimento sem ação, só vai gerar amargura e frustração, com isso reforço a importância da escrita como registro de vivências, sentimentos mas sobretudo como ferramenta de resistência em prol do protagonismo estudantil, étnico-racial, e a respeito de gênero e sexualidade e de classe.

Porém, é entendido que a prática difere muito da teoria. Eu cheguei nesse estágio com muitas expectativas positivas sobre a construção dessa atividade, visto que acreditei que o assunto ia captar os estudantes muito rapidamente. Mas na prática, o primeiro encontro se deu de forma muito dificultada, os estudantes estavam bastante cansados e viram o momento da exposição do documentário como momento de descanso, então não prestaram muita atenção, logo não tiveram muitos comentários para apresentar no momento do debate. Então, o que eu pensei que ia ser um debate muito rico e com muitos compartilhamentos emocionantes, na

verdade se transformou num momento de 50 minutos da minha exposição sobre o documentário. Pessoalmente, esse momento foi bastante frustrante, porém já tendo passado por todas as disciplinas de estágios e práticas da formação, já senti que aquele momento não era de desistir e sim, de repensar a metodologia para que o objetivo fosse alcançado no encontro seguinte.

Após esse episódio, tive a oportunidade de conversar com professores mais experientes da Santo Amaro com os quais pude compartilhar o momento de medo e insegurança de uma professora recente e esse espaço de acolhimento e de empatia foi uma oportunidade para entender que essa frustração pode vir em todos os momentos do professor, “Não leve para o coração. Não se deixe frustrar, tem dessas mesmo”, foi a fala de um professor de matemática, que serviu como conforto naquele momento de desespero. Então com a ajuda desses mais experientes e tendo acesso a diversidade de metodologias, entendi que precisava me aproximar dos estudantes, colocando a minha trajetória para eles e não a de terceiros, foi assim que consegui chegar ao momento de maior compartilhamento de vivências com eles e elas, a troca foi riquíssima.

Dito isso, percebemos a importância de professores com vivências reais no ensino médio e em todas as outras esferas educacionais, porque a experiência transforma o nosso olhar e deixa o discurso carregado de emoções porque é real, “molhado de histórias, marcas, lembranças, sentimentos, de sonhos rasgados mas não desfeitos”(Freire, 2002).

Em A Pedagogia da Esperança, Paulo Freire traz um reencontro com a essência da prática educativa progressista, o autor define essa opção como um processo de desocultação da verdade e o sentimento na prática é esse mesmo. As escolas e a educação, como um todo, vivem um momento de desesperança, porque esse é o projeto de um sistema neoliberal para as escolas e os jovens das escolas públicas, fazer parecer que eles e elas não podem sonhar, não podem elaborar seus projetos de vida da forma mais esperançosa possível. Mesmo sendo muito jovem e tendo uma prática pedagógica muito recente, concordo quando Freire diz que não existe esperança na pura espera e que precisamos nos compreender no mundo, então quando me percebi no mundo, enquanto mulher periférica, trabalhadora e professora, percebi que para exercer o meu papel era preciso ter e levar esperança. Era preciso sonhar e incentivar o sonhar de outros e outras parecidas e parecidos comigo, porque a situação de não me ver representada nos ambientes acadêmicos me deixou desesperançosa e imóvel por muito tempo, mas chegou um momento em que não podia mais compactuar com os absurdos do dia a dia, era preciso me movimentar.

Compreendi, por fim, que para isso era preciso compreender os estudantes, com os quais trabalho, promover inclusão a partir do debate embasado com teoria e prática de luta de todos os grupos aos quais a educação foi um direito negado ou muito dificultado. Porém, antes de tudo me compreender, perceber os momentos de frustração como oportunidades de adaptação e melhoria da prática, tornando-a cada vez mais próxima do alunado, incentivando a prática progressista e esperançosa.

Desde os anos 80, a literatura que estuda as trajetórias dos estudantes trabalhadores vem se aprimorando e estudos como os da autora Maria Clara Corrochano já nos anos 2010, revelam que a perspectiva de jovens desprivilegiados em relação ao trabalho e as suas jornadas estudantis, permanece a mesma.

As políticas de acesso ao ensino superior desde o final da década de 90, com maior fortalecimento nos anos que se seguiram, provocaram uma ampla inclusão de jovens e adultos oriundos da classe trabalhadora brasileira, nas Instituições de Ensino Superior. Políticas como FIES - Programa de Financiamento Estudantil, PROUNI - Programa Universidade para Todos, Cotas Raciais e Sociais, são exemplos dos meios utilizados por estudantes desprivilegiados para o ingresso em Instituições públicas ou privadas. Porém, mesmo com esses meios facilitadores, ainda existe uma grande preocupação entre os pesquisadores do tema, como se dá a permanência desses jovens nessas instituições.

Pensar políticas de acesso é diferente de pensar políticas de permanência e essa preocupação perpassa a Universidade, chegando até a escola de ensino médio. Segundo a pesquisa “Combate a evasão no Ensino Médio: desafios e oportunidades”, realizada através da parceria entre a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan SESI) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), somente 60,3% dos estudantes terminam o ensino médio até os 24 anos e a disparidade entre pobres e ricos se dá, respectivamente, entre 46% contra 94%.

As falas de alguns profissionais da educação pretendem construir no imaginário que a evasão escolar é um movimento que parte do estudante, como se este por si mesmo decidisse abandonar o convívio escolar. Porém o que se observa na prática é todo um contexto que cerca esse estudante até que ele ou ela chegue ao ponto de ser evadido da escola. A classe social, segundo a pesquisa da Firjan SESI e PNUD interfere diretamente na conclusão do ciclo escolar, principalmente quando se trata de estudantes trabalhadores.

Nos momentos de partilha dos principais pontos de tensão vividos pelos estudantes na escola, alguns se repetem e chamam bastante atenção. Alguns falam sobre a questão do horário “Eu só precisava sair 10 minutinhos mais cedo, pra não perder o ônibus e não me

atrasar no trabalho. Mas a coordenação não me liberou, então eu tive que mentir que estava com dor de cabeça pra conseguir ser liberada.”(E, 16 anos) Essa fala, do momento da roda de conversa, é impactante porque revela as fraquezas nas relações de confiança entre gestão e estudantes, que persistem em tratar o estudante trabalhador como imaturo e irresponsável, quando este só está tentando garantir o básico para si e sua família. Mas essa mesma fala, revela um aspecto interessante no desenrolar das trajetórias e que conecta estudantes universitários e de ensino médio, que são as estratégias adotadas para tornar possível essa dupla jornada.

Outros aspectos são percebidos nesse momento de troca, como a frustração da comparação que atinge os estudantes, ainda tão jovens “eu me comparo muito com meus colegas. Não consigo entregar tudo no dia certo, nem consigo participar das aulas, porque tô cansada. Aí me sinto mal” (B,16 anos). O mesmo sentimento que atinge essa estudante, atinge a muitos adultos, a diferença é que a pressão está pesando em uma garota de 16 anos. Ter sobre si, a responsabilidade de trabalhar para ajudar a família, para poder estudar(no caso de muitos universitários) e garantir minimamente o acesso ao lazer e diversão, muitas vezes é um fardo pesado demais para os adultos, mais pesado ainda para adolescentes.

Logo, questões como essas precisam ser levadas em consideração quando pensamos em um estudante evadido. Levar em conta o contexto no qual esses meninos e meninas estão inseridos, antes de apontá-los como irresponsáveis ou preguiçosos. Praticar a ética amorosa de Bell Hooks, “inserir todas as dimensões do amor - cuidado, compromisso, confiança, respeito e conhecimento na nossa vida cotidiana”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios vividos pelas juventudes em suas trajetórias escolares e fora do contexto escolar estão postos em níveis tão profundos que só quem vive ou já viveu algo parecido consegue compreender o quão enraizados estão as dificuldades e traumas trazidos pelos obstáculos do contexto empobrecido e desprivilegiado. Compreender as trajetórias desses jovens é um exercício diário, para os que se dispõem a esse movimento, professores e gestores não possuem a verdade absoluta a respeito de todos os indivíduos, nem tudo que é interessante para mim assim o é para estudantes, que estão travando suas batalhas diariamente contra o preconceito e todos os tipos de violência.

As dores e as frustrações, as incertezas do futuro se mostram no cotidiano de diversas maneiras, sendo, às vezes, confundido com rebeldia. O estudante da escola pública com

certeza pensa no futuro, mas será que sonha? “É a prática docente de uma professora que, numa escola de periferia, fala a seus alunos sobre o direito de defender a sua identidade cultural. O líder operário, no portão da fábrica; a professora na sua escola, têm ambos muito o que fazer”(Freire,1997) . Essa frase acompanha a minha prática, pela sua contextualidade, o trabalho docente que leva em conta as singularidades dos estudantes e que não nega o cotidiano.

Num momento de incerteza sobre a obrigatoriedade da continuidade do ensino da sociologia, seria um desrespeito não debater, com os filhos da classe trabalhadora que já compõem a classe, sobre a luta para o acesso e garantia de seus direitos.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. “Speaking in tongues: a letter to Third World women writers”. In: MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria (orgs.). This bridge called my back: writings by radical women of color. New York: **Kitchen Table**, p. 165-74.

CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v.18, n.1, p.23-44, mar.2013.

FREIRE, P. Pedagogia da Esperança. 26ª Edição. São Paulo: **Editora Paz e Terra**, 2012.

FREIRE, P. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: **Editora Olho D'água**, 1997.

HOOKS, B. Tudo Sobre O Amor. São Paulo: **Editora Elefante**, 2021.

LEÃO, G. DAYRELL.; J. T.; DOS REIS, J. B. JUVENTUDE, PROJETO DE VIDA E ENSINO MÉDIO. **Educ. Soc.**, Campinas, v.32, n.117, p.1067-1084, out.-dez.2011

Nunca me sonharam. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Maria Farinha Filmes. Brasil, 2017.

OLIVEIRA, L. F. COSTA, R. C. Rocha. Sociologia Para Jovens do Século XXI. 4ªEd. Rio de Janeiro: **Imperial Novo Milênio**, 2016

Sem autor: Evasão Escolar No Ensino Médio Atinge Meio Milhão de Jovens Por Ano e Perpetua Desigualdade, Alerta Estudo do PNUD e Firjan SESI. PNUD Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/news/evasao-escolar-no-ensino-medio-atinge-meio-milhao-de-jovens-por-ano-e-perpetua-desigualdade-alerta-estudo-do-pnud-e-firjan-sesi>. Acesso em 31/08/2023.

SILVA, J. A. Os desafios para o ensino de sociologia na educação a partir da BNCC. **Revista Perspectiva Sociológica**, nº27, 1º sem, 2021, p.45-57.